

Relógio de Evo dará pistas?

Expr
14/5/88

A POLÍCIA Judiciária está a tentar descodificar um relógio de memória que Evo Fernandes usava quando foi morto e que os seus raptos lhe não retiraram — soube o EXPRESSO de fonte ligada à investigação.

O dirigente da Renamo costumava memorizar nesse dispositivo algumas indicações das suas actividades, pelo que se presume encontrarem-se aí gravadas referências-chave quanto ao período de três dias em que Evo esteve desaparecido, antes de ser encontrado assassinado perto do Guincho. Sabe-se que tais aparelhos computadorizados permitem codificar dados de modo a que só o utilizador a eles tenha acesso, por meio de uma «chave» pessoal. Uma fonte policial revelou, entretanto, ao EXPRESSO que os elementos já recolhidos do relógio nada tinham adiantado quanto ao desenvolvimento das investigações.

Por outro lado, foi também revelado que resultara negativo o teste ao «soro da verdade» feito no corpo de Evo Fernandes, apesar de alguns jornais terem dito recentemente, que o responsável do movimento rebelde moçambicano fora injectado com esse produto antes de ser morto, numa tentativa de lhe serem

extraídos segredos sobre a sua organização. No entanto, as análises já efectuadas permitiriam concluir por um elevado índice de álcool no sangue do advogado assassinado, o que entra em contradição com o facto de, segundo a viúva, Evo Fernandes ser abstémio (a não ser em raros casos de convívio com amigos, mas sempre de forma muito moderada).

O director do Instituto de Medicina Legal, José Sombreiro, escusou-se a confirmar estas informações, alegando segredo de Justiça, mas revelou que o respectivo relatório — muito extenso — deverá ser entregue à PJ na próxima terça-feira.

Meios ligados à investigação disseram ao EXPRESSO que pouco se avançou, esta semana, no processo de extradição dos dois principais suspeitos de envolvimento no assassinio de Evo, Alexandre Chagas e Joaquim Messias, que se encontram detidos em Marrocos. O facto de não existir tratado de extradição entre os dois países confere alguma delicadeza ao caso, embora a entrega dos detidos às autoridades portuguesas tenha sido já confirmada por Rabat, faltando apenas esgotar a complicada tramitação em curso.